

O USO DO GÊNERO CONTO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Waldir Kennedy Nunes Calixto

Giovane Alves de Souza

Prof. Dr. Leônidas Jose da Silva Jr.

Universidade Estadual da Paraíba - kennedycalixto@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba - giovane.oficial@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba - leonidas.silvajr@gmail.com

Resumo: Este trabalho trata do uso do gênero conto no ensino de língua inglesa a partir da experiência ofertada pelo PIBID Letras Inglês, uma vez que esse gênero textual nos permite traçar um diálogo entre a literatura e a gramática dentro da sala de aula, bem como auxilia na formação de alunos leitores. Ademais, tal metodologia nos permite escapar das práticas tradicionais de ensino de línguas, buscando priorizar uma abordagem interativa e colaborativa, de modo que se torna possível fazer uso de um gênero textual diferente do qual os discentes estão habituados. Nesse sentido, a nossa pesquisa buscou inserir a literatura como ferramenta de ensino nas escolas, uma vez que essa importante parte da cultura da língua é ignorada nas aulas de língua inglesa e, para tal, usamos o conto "*Story of an hour*", da escritora americana Kate Chopin, e a partir da leitura do conto, os alunos responderam a um questionário referente à narrativa, compuseram um vocabulário feito por eles mesmos e, além disso, identificaram os grupos nominais presentes na história, dialogando, desta forma, com o conteúdo visto anteriormente em sala. O conto foi escolhido também pela sua forma – sendo este um conto curto – e pelo tema, uma vez que as aulas se passaram na semana do Dia Internacional da Mulher. Cumpre notar também que tal experiência apenas se tornou possível através do projeto PIBID (Programa de Iniciação à Docência), que busca por abordagens inovadoras no ensino de língua estrangeira, e nos permite traçar iniciativas que contribuem para a edificação de um ensino de língua inglesa cada vez melhor.

Palavras-chave: Ensino de língua inglesa; Gênero conto; Metodologia; Kate Chopin.

1. INTRODUÇÃO

Os métodos de ensino de língua inglesa nas escolas variam de acordo com diversos fatores como, por exemplo, os objetivos traçados pelo professor, os conhecimentos prévios do aluno sobre o conteúdo, carga horária ou, até mesmo, o suporte oferecido pela escola às iniciativas do docente; porém, muitas dessas escolas optam por manter um tipo de metodologia mais tradicionalista, e as aulas passam a tomar um rumo oposto ao qual deveriam, desencorajando os alunos a lidar com a língua estudada.

Com isso, a proposta de usar o gênero Conto como ferramenta no ensino de língua inglesa, nos permite desfazer tais amarras, visto que a inovação na abordagem da língua estrangeira em sala

muda a percepção do aluno sobre a disciplina e inclina o seu olhar para uma nova perspectiva de aprendizado. Tal fator pode, segundo Aebersold e Field (1997), inserir novos saberes pedagógicos e socioculturais tanto para o professor quanto para o aluno.

Todorov (2009) afirma que é essencial edificar a formação de um aluno leitor, uma vez que a literatura é apresentada na escola apenas em fragmentos que se articulam com o que está sendo visto em sala, como acontece no ensino médio, quando alunos estudam excertos de obras literárias afim de reconhecer apenas o uso de figuras de linguagem, ou quando o ensino se pauta apenas no vestibular, ignorando o lado artístico que pode ser proporcionado pela literatura junto ao processo de reconhecimento das mais diversas realidades culturais e sociais presentes nas narrativas literárias.

Deste modo, fizemos uso de um conto relacionado à vivência da mulher, considerando que a atividade se passou no Dia Internacional da Mulher, o que nos permitiu sublinhar aspectos da violência de gênero, sintetizando o significado do que é ser mulher na sociedade contemporânea bem como na sociedade do século XIX – época em que se passa a história. Por fim, os alunos leram o conto, compuseram um vocabulário, e responderam a um questionário referente à narrativa, além de identificar os cognatos presentes no texto, dialogando, assim, com o conteúdo visto previamente em sala.

Em vista dos argumentos apresentados, objetivamos relatar como o gênero conto pode ser utilizado no ensino de língua inglesa, realçando que tal relato parte da experiência ofertada pelo PIBID (Programa de Iniciação à Docência – subprojeto Língua Inglesa), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus III.

2. METODOLOGIA

Na próxima seção deste artigo, objetivamos problematizar a maneira pela qual se concebe a literatura no âmbito escolar, atentando para aspectos relativos à sua inserção, o uso dos métodos de ensino, bem como para o papel do profissional de ensino neste processo e, além disso, buscamos sintetizar reflexões de Poe e Gotlib acerca do gênero Conto.

2.1 A LITERATURA NA ESCOLA: INSERÇÃO, MÉTODO E DIAGNÓSTICO PROFISSIONAL

A literatura, por vezes, costuma não se fazer presente no ensino de língua inglesa, considerando que muitas das escolas, cursos de língua estrangeira, e professores e professoras em si optam por fixar suas respectivas metodologias na gramática, desvinculando a língua da grande carga cultural que a literatura pode proporcionar. Deste modo, a aprendizagem se torna enfadonha, e os alunos perdem o interesse junto na língua estudada.

Cumpramos notar ainda que a literatura proporciona ao aluno uma viagem nas mais diferentes culturas existentes, de modo que o aluno deixa a posição central da sua concepção de sujeito e passa a enxergar e respeitar outras culturas e povos, enriquecendo o seu conhecimento de mundo (CORCHS, 2006); portanto, ignorar essa parte da língua institui a manutenção de um sistema que inviabiliza as realidades que divergem daquela a qual o aluno ou aluna está habituado.

Achamos os textos literários são muito úteis para melhorar as habilidades dos alunos, ajudá-los a compreender diferenças culturais e ampliar oportunidades para seu crescimento pessoal. Usar uma maior variedade de textos desafiará e enriquecerá tanto o professor como também o alunado (AEBERSOLD E FIELD, 1997, p. 165).¹

Deste modo, para a elaboração deste projeto, foi considerado ser de real importância fazer a incursão dos alunos à literatura, para que assim pudéssemos fomentar um ensino mais humano, de modo que assim os alunos não seriam restritos a um método de ensino totalmente pautado na gramática. Além disso, o contato com um gênero diferente propõe o despertar do interesse do aluno sobre culturas diferentes da dele, assim, é possível que aluno possa analisar e confrontar a sua própria cultura (CORCHS, 2006).

Sendo assim, a incursão da própria leitura em si às aulas de língua inglesa, pode proporcionar ao aluno vivenciar experiências que o desvincularam as suas antigas concepções sobre o mundo, modificando sua maneira de pensar perante o outro, ao passo que também fortalece a sua individualidade, como indica Brito (2009):

[...] é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles (BRITO, 2010, p. 1).

Entretanto, é válido atentar para a maneira como a literatura é manuseada na escola. Segundo Todorov (2009), o aluno de Ensino Médio, por exemplo, é introduzido à literatura apenas

¹ Tradução nossa.

em fragmentos competentes ao que está sendo visto em sala, como a análise das características de alguma escola ou gênero literário. Para o autor, como posto em *A Literatura em perigo* (2009), tal abordagem pode colaborar mais ainda com o desinteresse do discente para com a leitura literária. Com isso, o profissional de ensino tem um papel primordial no aprimoramento das suas metodologias, uma vez que cabe a este o papel de ampliar a visão do aluno sobre a língua estudada.

Em suma, o professor que vê a língua segunda a concepção estruturalista pouco ajuda seus alunos na tarefa de desenvolverem seus recursos linguísticos e textuais para interagirem adequadamente nas mais variadas situações sociocomunicativas, histórica e culturalmente situadas (OLIVEIRA, 2014, p. 36).

Além disso, cabe ao professor também atentar para a sua própria concepção sobre a leitura, e o que a sua influência pode significar para os seus alunos, visto que, segundo Fabiane Burlamaque (2006), um grande número de pesquisas em torno da leitura no Brasil mostra que os próprios professores não são habituados a ler (BURLAMAQUE, 2006, p. 82). Desde modo, por a leitura em prática na vida do alunado se torna uma tarefa ainda mais árdua, sendo assim é preciso que haja um diálogo entre os objetivos postos em sala, e a conduta do profissional.

Quando refletimos a respeito do ensino de língua inglesa é impossível desassociar do método e abordagens os quais são usados no ensino de língua estrangeira, contudo inúmeras vezes professores de LE não estão conscientes do uso de métodos e abordagens o que acaba por si só em um ensino carente. Sobre o uso de métodos e abordagens Oliveira (2014) afirma:

“Estas duas palavras são muito pronunciadas, mas suas definições não vêm facilmente à mente de professores, provavelmente por não serem usadas de forma consistente e unânime na literatura sobre ensino de línguas estrangeiras e por, aparentemente, não fazerem falta ao professor. Mas, como diz o ditado, as aparências enganam” (OLIVEIRA, 2014, p. 66).

À vista disso, no que concerne ao uso de métodos e abordagens, é necessário salientar que alguns professores não fazem o uso consciente de ambos, implicando em uma aula defectiva. Métodos são, com frequência, aplicados de uma forma equivocada, prejudicando a prática do professor e também o aprendizado do aluno. E esta falta de conhecimento do uso de métodos e considerações acerca da abordagem em sala pode ludibriar o profissional, deixando desamparado perante o ensino de línguas.

Como Oliveira (2014) assinala, “Todo professor de inglês tem a obrigação pedagógica de saber o que é método de ensino, mesmo que seja para tomar a decisão de não adotar um determinado método ou de se recusar a usar esse conceito.” (OLIVEIRA, 2014, p.66). Portanto, é

de responsabilidade educacional do professor de inglês arcar com o compromisso de conhecer o que é um método de ensino, mesmo que esse conhecimento o leve a alternativa de não fazer o uso do método, assim recusando-o, porém de forma consciente.

Dessa forma, o ato de o professor saber o que é um método de ensino, optar ou não o uso em sua prática, esse devido raciocínio faz com que o professor reflita sobre sua docência, sendo esta uma característica de um professor pesquisador. Segundo Bortoni-Ricardo, o professor pesquisador:

[...] não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias (BORTONI, 2008, p.46).

O professor não deve apenas absorver o conhecimento de outros pesquisadores, mas também deve fazer uso de sua auto-criticidade e avalia-se continuamente, buscando melhorias que possam auxiliar em sua prática, bem como sanar os problemas e barreiras encontrados durante a vida profissional. O ato de auto-reflexão sobre a docência distingue o professor pesquisador do professor comum, com isso o professor pesquisador busca melhorias e supera a si mesmo no que diz as próprias deficiências encontradas em sala de aula, contudo deve-se sempre se manter aberto a novas possibilidades, aberto para receber novas ideias e aderir a novas estratégias.

Fazendo uso desse pensamento crítico e refletindo sobre a prática docente, optamos por trabalhar a literatura no ensino de inglês, usando o gênero conto como ferramenta. Desta forma, utilizamos o conto "*Story of an hour*", da escritora americana Kate Chopin, para viabilizar a inserção da literatura nas aulas de LE.

2.2 DE POE A GOTLIB: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO GÊNERO CONTO

Embora as teorias envolta do gênero conto possam gerar desavenças enquanto à estética literária, este se presume por muitos teóricos como um gênero que adquire características próprias, além do fato de que tem-se o conto como proveniente da teoria narrativa. Gotlib (2006, p.8), afirmara que este gênero é contestado como o conto mesmo após as modificações sofridas ao decorrer do percurso histórico, tornando-se ainda difícil saber se podemos conceituar o conto de forma autêntica ao seus primórdios. Dessa forma, surge a indagação acerca das modificações ocorridas no conto e se as mesmas possam ter modificado em sua essência, colocando em julgamento sua genuinidade.

Gotlib realça ainda o pensamento de Mário de Andrade, em *Contos e contistas*: “em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto” (GOTLIB, 2006, p.9). O que nos leva a um raciocínio mais libertino, deixando de lado a teoria e suas regras, e abrindo espaço para a liberdade e autonomia artística do autor ou autora em questão.

Tais mil e uma páginas referentes ao problema da teoria do conto poderiam se resumir em algumas *direções* teóricas marcantes: há os que *aditem* uma teoria. E há os que *não admitem* uma teoria específica. **Isto quer dizer que uns pensam que a teoria do conto filia-se a uma teoria geral da narrativa. E nisto têm razão.** Como pensar o conto desvinculado de um conjunto maior de *modos de narrar* ou representar a realidade? (GOTLIB, 2006, p.8 – grifos nossos).

Ainda assim, com a problemática da teoria do conto, há aqueles que apenas o veem em uma perspectiva mais rija e teórica, e aqueles que não o compreendem como tal. É coerente afirmar que teóricos que não adotam o conto de forma tão teórica, admitem-no como oriundo da teoria geral da narrativa, e que, por este motivo, é coesivo tratá-lo com tal dependência, pois não há como separá-lo de um âmbito maior o qual o conto está inserido, e onde está repleto de uma pluralidade de modos de narrar, os quais estão ligados diretamente à representação da realidade.

Gotlib menciona o pensamento de Machado de Assis, que declara a respeito do conto: “É um gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade” (GOTLIB, 2006, p.9). É importante salientar o conto como hermético apesar de supostamente ser classificado como inteligível, e é possível fazer o uso do mesmo em sala de aula de forma abrangedora levando o aluno a diversos contextos, conduzindo novas culturas onde a imersão pode ocasionar debates e discussões, e, portanto, destacar as várias possibilidades de releituras e representações que o conto faz da realidade.

No decorrer da nossa pesquisa, achamos importante frisar as contribuições do famoso escritor americano Edgar Allan Poe, que não era apenas um contista, mas também era considerado teórico por muitos, apesar de existir controvérsias acerca do que escreveu. O escritor expôs toda sua estética de criação em *The Philosophy of Composition*, onde ele faz alguns apontamentos de como escrever o conto.

Sobre o raciocínio de Poe, Gotlib afirma ainda que “torna-se imprescindível, então, a leitura *de uma só assentada*, para se conseguir esta unidade de efeito.” (GOTLIB, 2006, p.32), como assim era prezado por Poe, um tempo estimado de uma hora para que a leitura do conto fosse concluída,

sem longevidade ou brevidade, mas sim uma medida exata, para que desta maneira o texto atingisse de forma correta a *unidade de efeito*.²

Ainda sobre o efeito, Poe enfatiza: “Pois é claro que a brevidade deve estar na razão direta da intensidade do efeito pretendido, e isto com uma condição, a deque certo grau de duração é exigido, absolutamente, para a produção de qualquer efeito.” (POE, 1842, p.104). Assim, a brevidade é exposta como uma condição do efeito, supõe-se uma espécie de cláusula para qualquer efeito desejado no conto, a qual a brevidade expressa uma precisão que apontara para o efeito.

Todavia, acerca dos apontamentos de Poe sobre o conto, Gotlib indaga: “Estaria Poe se referindo ao tipo de conto de que era mestre, ao conto de terror?” e presume que “Suas considerações parecem ser de ordem geral, para todo conto.” (GOTLIB, 2006, p.37). Mesmo Edgar Allan Poe, classificado como mestre do conto de terror é congruente ao assinalar seus apontamentos como uma forma a qual sobreleva para o conto de uma forma geral.

Por fim, ao considerar um gênero breve, porém complexo e que ainda prende a atenção do leitor até a unidade de efeito, o conto se torna uma opção viável à sala de aula, pois a brevidade do mesmo faz com que não haja o desgaste da parte do alunado, fazendo com que eles se interessem com o resultado final causado pela unidade de efeito e ainda há possibilidades de explorar situações contidas no conto, bem como analisá-lo, traduzi-lo, ampliar o vocabulário, provocar discussões, entre vários outros pontos.

3. METODOLOGIA

Na próxima seção deste artigo, pretendemos relatar as aulas em que fizemos o uso do gênero Conto como ferramenta de ensino, atentando para o diagnóstico preliminar da turma, bem como às atividades a serem desenvolvidas em seguida e os resultados obtidos com esta experiência.

3.1 O USO DO GÊNERO CONTO COMO FERRAMENTA DE ENSINO: DO LOCAL E GRUPO DISCENTE PARTICIPANTE ÀS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

² O *efeito* faz parte da estética da criação exposta por Edgar Allan Poe em *The Philosophy of Composition 1846*. Poe salienta que o efeito é a reação que o conto é capaz de causar no leitor. Toda a criação do conto deve ser pensada para essa culminância, desta forma desde a escolha do tom da história que deve auxiliar na construção do efeito, até o tempo pré-determinado para a leitura do mesmo, que é advertido por Poe que um bom conto deve ser feito para ser lido em uma assentada, que seria aproximadamente uma hora. Caso contrário, o conto seja longo ou breve demais, o mesmo perderá seu efeito.

Uma das propostas elucidadas no processo que criação do trabalho é que este seria desenvolvido na cidade de Guarabira, em uma das escolas em que os bolsistas atuam, com auxílio das professoras vinculadas ao programa; deste modo, realizamos a nossa experiência na escola estadual José Soares de Carvalho, com uma turma do ensino médio. Posto isso, estabeleceu-se de forma preliminar o contato com a professora de Inglês responsável pela turma, de modo que nos foi possível assistir as suas aulas e delimitar quais seriam as necessidades da turma para com o ensino de língua estrangeira, trabalhando, assim, em um diagnóstico competente à realidade do alunado. Posto isso, tornou-se notável a deficiência que aquela turma tinha para com a língua inglesa e, posteriormente, para com a cultura em volta desta língua.

Deste modo, foi posto que seria possível haver uma atuação de forma concomitante para com a professora, trabalhando a partir de atividades que promovessem a introdução do gênero conto como ferramenta de ensino para que estes alunos fossem capazes não somente de trabalhar o que estava sendo visto em sala, mas, também, para que fosse possível induzir uma maior carga cultural à vivência daquela turma, fator que a língua inglesa pode proporcionar. A introdução do conto como ferramenta de ensino, tornou-se plausível também por tornar possível que o alunado tivesse contato com um gênero textual diferente do qual eles estavam habituados em sala, promovendo, assim, uma aula mais dinâmica, diferente do modelo de aula tradicional do qual os alunos estão habituados.

De início, foi atentado para o tipo de abordagem a ser tomada na turma, considerando que muitos dos alunos têm grande deficiência para com a língua estrangeira. Deste modo, foi delimitado que as atividades seriam realizadas em duas etapas, de modo que fosse possível realizá-las em sala, a fim de não sobrecarregar a turma, para que não houvesse nenhum tipo de choque inicial, de modo que as atividades propostas fluíssem sem preocupações adicionais.

Assim, na primeira etapa, foi delimitado, juntamente com a turma, que eles fariam uma leitura silenciosa do texto em pares, atentando para expressões que eles já conheciam, ou palavras vistas anteriormente em sala, bem como expressões cognatas, circulando-as ou sublinhando-as, considerando que a professora havia trabalhado este conteúdo com a turma na aula anterior.

Portando, os alunos fizeram a leitura em inglês do conto “*Story of na hour*”, da escritora americana Kate Chopin, com atenção extra para as palavras usadas no texto. Foram fornecidos dicionários às duplas, para que assim eles pudessem consultá-los sempre que não estivessem entendendo as palavras apresentadas no corpo do conto. Assim, à medida que as duplas liam, foi pautado que eles teriam que formar um vocabulário composto por eles mesmos, a fim de atentar

para palavras e expressões que não conhecidas por eles, de modo que fosse possível haver uma maior compreensão sobre o texto apresentado.

Logo em seguida, após o término da leitura, já na segunda etapa, foi atentado para a quantidade de expressões que eles já conheciam no texto, bem como aquelas que eram novas para eles, de modo que foi possível fazer um contraste entre o nivelamento da turma e quanto ao vocabulário apresentado a eles, o que proporcionou a muitos a absorção de diversas outras expressões antes não vistas, bem como a revisão de algumas já conhecidas.

Assim, ao término da leitura, foi requisitado que, em discussão com a professora e a equipe de bolsistas, as duplas tentassem fazer um resumo da história, atentando para dados da narrativa, como nomes de personagens, acontecimentos que chamaram a atenção deles nas suas respectivas experiências de leitura, e também, o porquê do conto receber o título de “*Story of na hour*”. Cada dupla deu as suas respectivas respostas e justificativas, o que proporcionou um enriquecimento notável a aula, considerando que eles foram capazes de trocar pontos de vista não somente com seus parceiros, mas, também, com os bolsistas e a professora.

Em seguida, houve uma breve contextualização sobre a vida e obra da autora Kate Chopin, de modo que foi atentando para as características pertinentes ao seu estilo de escrita, a época em que o conto foi feito, além das possíveis interpretações para aquele conto. Além disso, considerando que esta aula ocorreu em um período próximo ao Dia Internacional da Mulher (08/03), consideramos ser pertinente atentar para a realidade da mulher naquela época, e, que possível mensagem a autora do conto quis passar com isso.

Além disso, julgou-se necessário atentar para a estrutura do gênero textual conto, uma vez que este divergia dos gêneros geralmente trabalhados em sala, atentando para as suas semelhanças e diferenças para com os demais gêneros, e ainda, foi levado em consideração atentar para a escola literária a qual o conto pertence, ou seja, o Realismo americano, e os seus respectivos traços na narrativa. Com isso, foi requisitado que os alunos lessem o conto novamente, desta vez em português, comparando as conclusões que eles tinham antes na leitura em inglês, com as que eles iriam adquirir agora, atentando para pontos que não compreendidos na leitura anterior, e notando a confirmação de informações no texto que eles haviam percebido já na primeira leitura.

Por fim, cada equipe ficou responsável por responder a duas questões sobre o texto, que foram elaboradas por estes bolsistas, a fim de atentar para a compreensão geral do texto trabalhado

em sala, bem como detalhes específicos adquiridos através da leitura. Por fim, os alunos ouviram a um áudio, resgatado do domínio público, de uma nativa do inglês americano lendo o conto de Kate Chopin, de modo que também fosse possível trabalhar a habilidade de *listening* dos alunos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a execução das atividades relatadas foi possível inserir uma maior dosagem de cultura à realidade do alunado, de modo que, neste processo, os alunos trabalharam com um gênero textual diferente do que estavam habituados e entraram em contato com a literatura realista americana do século XIX, através da qual foi possível reconhecer uma vivência diferente da deles.

Com isso, observou-se a atenção dos alunos para com o tema, principalmente em relação à maneira como o casamento é relatado na trama – que, por sua vez, divergia das ideias românticas, que, segundo os alunos, foram estudadas nas aulas de literatura anteriormente –, os sentimentos despertados na protagonista com a notícia da morte de seu marido, a significância desta instituição para a mulher, e como estes fatores estão ligados à independência da mulher. Muitos alunos trouxeram problematizações acerca do relacionamento do casal do conto, e relacionaram este casamento a o que significava ser mulher naquela época.

Notou-se também a ampliação do vocabulário dos alunos, bem como o quanto a leitura em português reforçou a habilidade de leitura em língua inglesa no que compete à tradução e ao uso de expressões já vistas anteriormente, considerando o contentamento apresentado pela turma ao reconhecer expressões ouvidas no áudio da leitura do conto pela falante nativa de língua inglesa e expressões vistas anteriormente na internet, principalmente, nas redes sociais.

Além disso, o uso do gênero Conto, sendo este um gênero textual curto, despertou maior curiosidade dos alunos perante a literatura, uma vez que a turma afirmou ter apreciado a história, considerando o tema e a extensão do texto. Alguns alunos entraram em contato com estes pesquisadores através das redes sociais solicitando outros contos da mesma autora e, até mesmo, de autores diferentes que tratassem de temas semelhantes.

5. CONCLUSÃO

Trazer à tona estudos sobre experiências no ensino de LI é de extrema relevância para que se torne possível problematizar os mais diversos métodos de ensino, bem como buscar por diferentes maneiras em que se torne possível aprimorar tais metodologias, posto que o processo de ensino

deve estar em constante modificação, adequando-se não somente à realidade do alunado, mas, também, à cultura da língua estudada.

Neste processo, o papel da literatura é fundamental, considerando que esta parte da língua deve dialogar com os conhecimentos do alunado, mostrando-o realidades que podem divergir e/ou convergir da sua, não se restringindo somente à gramática, como afirma Todorov (2009). E tal processo torna-se ainda mais inteligível com o uso do conto, sendo este um gênero textual curto e fácil de se trabalhar, visando fatores como vocabulário, objetivos da aula, e até mesmo a carga horária disposta à disciplina de língua inglesa.

Posto isso, acreditamos que as contribuições do Programa de Iniciação à Docência, bem como as reflexões dos teóricos presentes no corpo deste trabalho, são primordiais neste processo, culminando não somente na problematização e inovação das metodologias, como também na formação de profissionais e estudantes de Letras mais qualificados, visto que o programa viabiliza a imersão destes pesquisadores na sala de aula, atrelando estas experiências à iniciação científica destes futuros profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AEBERSOLD, Jo Ann & Field, Mary Lee. *From reader to reading teacher*. Cambridge University Press, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (Estratégias de ensino, 8).

BRITO, Danielle Santos de. *A importância da leitura na formação social do indivíduo*. Revela, ano IV, n. 8, p. 1-35, jun. 2010.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. *Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor*. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. (Org.). *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.

CORCHS, Margaret. *O uso de textos literários no ensino de língua inglesa*. 2006. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Ceará.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 11 .ed. São Paulo Ática, 2006.

Livribox, Acoustical liberation of books in the public domain. Disponível em:

<http://ia802308.us.archive.org/26/items/stories_003_librivox/story_of_an_hour_chopin_ho.mp3>
Acesso em 17 de Maio de 2017.